

ANPEd - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação

16224 - Resumo Expandido - Trabalho em Andamento - XV Reunião ANPEd Sul (2024)

ISSN: 2595-7945

Eixo Temático 23 - GE Cotidianos - éticas, estéticas e políticas

## VIOLÊNCIA DOMÉSTICA E COTIDIANOS: USOS DOS SABERES CIRCULANTES NO CURRÍCULO DE UM GRUPO REFLEXIVO DE GÊNERO

Juliana Lazzaretti Segat - UFPel - Universidade Federal de Pelotas

### VIOLÊNCIA DOMÉSTICA E COTIDIANOS: USOS DOS SABERES CIRCULANTES NO CURRÍCULO DE UM GRUPO REFLEXIVO DE GÊNERO

**RESUMO:** Os grupos reflexivos de gênero para autores de violência doméstica figuram como uma possibilidade respaldada pela Lei Maria da Penha para o enfrentamento daquele fenômeno social. Diante de seus objetivos, têm potencial de contribuir para a produção de justiça individual e social. Isso, contudo, depende dos saberes mobilizados no *espaçotempo* do grupo e dos usos que os homens fazem disso nos seus cotidianos. Assim, o objetivo do presente trabalho, recorte de pesquisa de tese em andamento, é investigar, a partir da perspectiva *doscom* os cotidianos, como homens participantes de um grupo reflexivo usam os saberes que circulam no currículo *dentrofora* (Alves, 2010) dali, e como as mulheres com quem se relacionam percebem isso. Quanto à metodologia, serão utilizados dois instrumentos principais: entrevistas narrativas e rodas de conversa. Como resultados provisórios, a literatura e a experiência na facilitação de grupos apontam para possibilidades como controle da violência, mudança de comportamento e ampliação dos significados de violência e das relações de gênero.

**PALAVRAS-CHAVE:** Grupos reflexivos de gênero. Violência Doméstica. Currículo. Cotidianos.

O enfrentamento à violência doméstica contra as mulheres abarca diferentes abordagens. Entre aquelas destinadas à prevenção, interesse-me, especialmente, pelas intervenções educativas com homens autores de violência. Desde a inclusão do comparecimento do homem a programas de “reeducação e recuperação” como medida protetiva de urgência, em 2020 (artigo 22, IV) (Brasil, 2006), iniciativas nesse sentido têm ganhado cada vez mais espaço e atenção.

Em geral, no contexto latino-americano, serviços dessa natureza assumem formato preponderante de grupos reflexivos, educativos e responsabilizantes, voltados à promoção de reflexões sobre padrões prejudiciais de gênero e configurações de masculinidades. Partindo da premissa de que há um modelo hegemônico, construído socialmente, que associa masculinidade e violência, naturalizando-a como forma de socialização, esses grupos devem buscar desassociá-las. Assim, por meio de intervenções educativas que incidam nos cotidianos de homens e mais amplamente das famílias, objetiva-se interromper violências em

curso e prevenir que novas redes de formação violentas ocorram protagonizando homens e vitimizando, de diferentes maneiras, a família.

Diante disso, a implementação de grupos dessa natureza tem o potencial de contribuir para o acesso das mulheres a direitos, à justiça e à sensação subjetiva/objetiva da rede protetiva nas dimensões de suas experiências cotidianas. Por um lado, sua implementação concretiza previsão legal, ampliando a margem de ação no judiciário; por outro, tem o potencial de promover questionamentos e reflexões aliadas na busca por igualdade de gênero, justiça social e, assim, diminuição de violências. Ou seja, traz consigo a possibilidade de produção de justiça de fato.

Isso, no entanto, depende de uma série de fatores, dentre os quais: perspectivas teóricas e práticas educativas na operação daquelas perspectivas (Antezana, 2012), conhecimentos e saberes que são mobilizados na relação grupal, a partir de diferentes “interrogações curriculares” interseccionais (Caetano; Teixeira; Silva Júnior, 2019, p. 46). Ou seja, o *ensinaraprender* sobre gênero, nesse *espaçotempo*, está relacionado aos currículos de gênero, raça, classe, sexualidade etc., *dentrofora* dali mobilizados. Mais do que isso, o resultado na vida ordinária dos homens participantes, e das mulheres com quem convivem, dependerá dos usos e sentidos que eles derem àquilo que ali receberam e às normas sociais que impõem padrões da masculinidade hegemônica.

Assim, neste estudo, que contempla recorte de pesquisa de doutorado em curso, objetivo voltar minha atenção a esses serviços a partir da perspectiva das pesquisas *nosdoscom* cotidianos. Isso porque é nos cotidianos que reside o espaço das possibilidades de *praticantespensantes* reagirem ao instituído em suas redes de formação e constituírem outras maneiras de viver suas relações de gênero, por exemplo. Certeau (1998) abre um novo paradigma ao deslocar suas reflexões das macroestruturas para as práticas cotidianas, para aquilo que é criado a partir da relação e do consumo dos artefatos culturais pelos praticantes.

Isso, contudo, não implica um regresso ao individualismo (Certeau, 1998, p. 37). Olhar para as práticas cotidianas não significa estar diretamente interessado no sujeito ou autor da ação, mas num deslocamento do foco para os modos de operação ou esquemas de ação em relação às macroestruturas (Certeau, 1998) - no caso, normas sociais de gênero. A intenção desse deslocamento é “explicitar as combinatórias de operações que compõem também (sem ser exclusivamente) uma 'cultura' e exumar os modelos de ação característicos dos usuários” (Certeau, 1998, p. 38). Proponho-me, assim, à investigação das práticas cotidianas a partir das narrativas desses/as sujeitos/as e da imersão nos cotidianos dessas intervenções.

Diante disso, interessa-me investigar *como* homens participantes usam, no cotidiano, os saberes que circulam no currículo *dentrofora* (Alves, 2010) de um grupo reflexivo de gênero promovido para incidir nas compreensões sobre masculinidade violenta, e *como* as mulheres com quem eles se relacionam percebem isso. Este é o meu objetivo geral de

pesquisa. Parto da perspectiva de que as possibilidades de justiça concreta estão atreladas ao consumo dos saberes e conhecimentos circulantes *dentrofora* dali.

Quanto aos métodos, farei uso de dois instrumentos principais: a) entrevistas narrativas com homens participantes de um grupo reflexivo no Município de Rio Grande/RS, e com mulheres que optaram por permanecer nos relacionamentos com estes homens participantes; b) rodas de conversa, por meio da minha participação em encontros presenciais desses grupos de reflexão. Com as narrativas, buscarei acessar os cotidianos vividos dessas/es mulheres e homens, o que lhes acontece, que interpretações fazem das suas vivências cotidianas (Martinelli, 1999), a fim de achar pistas dos currículos naqueles praticados. Com as rodas de conversa, buscarei compreender os movimentos curriculares no *espaçotempo* do grupo reflexivo.

A pesquisa ainda está em fase inicial de construção. Por isso, nesse momento, os resultados provisórios que se apresentam dizem das pistas que encontro no *zigzaguear* entre a pesquisa teórica e minha atuação como facilitadora de grupos reflexivos. Pesquisas sobre o tema têm demonstrado que, com os grupos, os homens relatam melhora no controle da violência (Beiras; Bronz, 2016), aprendizados sobre formas de resolver conflitos e uma ampliação dos significados sobre violências e relações de gênero (Nothaft; Beiras, 2019). Além disso, em pesquisa sobre a percepção das mulheres, Nothaft (2020) identificou que elas também notaram mudanças comportamentais dos homens e, em geral, consideram a experiência positiva no enfrentamento à violência doméstica. Já no campo da educação, tanto Braga (2019) como Hatje, Magalhães e Costa Ribeiro (2024), ao observarem grupos reflexivos, identificaram currículo cuja finalidade era a de tornar os homens autores de violência capazes de se governarem. Braga (2019) também observou que o currículo oportunizou que os homens narrassem a si mesmos e, assim, entrelaçassem histórias de vida e (re)conhecessem a si próprios.

Minhas percepções enquanto facilitadora também caminham nesse sentido. Embora saiba que os grupos reflexivos, sozinhos, não irão acabar com a misoginia e violências dela decorrentes, suponho que colocar homens em contato com os diálogos propostos pode contribuir para sair do automático nas práticas cotidianas nas relações de gênero e para pensar em outras possibilidades de ser homem, criando novas redes de formação.

## REFERÊNCIAS

ALVES, Nilda. A compreensão de políticas nas pesquisas com os cotidianos: para além dos processos de regulação. **Educ. Soc.**, Campinas, v. 31, n. 113, p. 1195-1212, out.-dez. 2010

ANTEZANA, A. P. Intervenção com homens que praticam violência contra seus cônjuges: reformulações teórico-conceituais para uma proposta de intervenção construtivista-narrativista com perspectiva de gênero. **Nova Perspectiva Sistêmica**, Rio de Janeiro, v. 42, p. 9-25, 2012.

BEIRAS, Adriano; BRONZ, Alan. **Metodologia de grupos reflexivos de gênero**. Instituto Noos: Rio de Janeiro, 2016.

BRAGA, Patricia Souza. **Homens autores de violência e a experiência de aprender a narrarem-se em um currículo**. Dissertação (Mestrado). Universidade Federal de Minas Gerais, Faculdade de Educação. Belo Horizonte, 2019.

BRASIL. **Lei nº 11.340, de 7 de agosto de 2006**. Lei Maria da Penha. Brasília: Presidência da República, 2006.

CAETANO, M. R. V.; TEIXEIRA, T. M. S.; SILVA JUNIOR, P. M.. Bichas pretas e negões: seus fazeres curriculares em escolas das periferias. **Revista Teias**, [S. l.], v. 20, n. 59, p. 39–55, 2019.

CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano: artes de fazer**. 3.ed. Petrópolis: Editora Vozes, 1998. 351 p.

HATJE, L. F., MAGALHÃES, J. C., COSTA RIBEIRO, P. R. Grupos Reflexivos para Homens Autores de Violência: Estratégias de Governo. **Cadernos Cajuína**, 9(3), 2024, e249343. <https://doi.org/10.52641/cadcajv9i3.370>

MARTINELLI, Maria Lúcia. (org.). **Pesquisa qualitativa: um instigante desafio**. São Paulo: Veras Editora, 1999.

NOTHAFT, Raíssa Jeanine. **Experiências de mulheres no enfrentamento da violência doméstica e familiar e suas relações com serviços para autores de violência**. 2020. Tese (doutorado) - Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Ciências Humanas, Florianópolis, 2020.

NOTHAFT, Raíssa Jeanine; BEIRAS, Adriano. O que sabemos sobre intervenções com autores de violência doméstica e familiar?. **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 27, n. 3, 2019.